



A SUINOCULTURA BRASILEIRA EM 2011 E PERSPECTIVAS PARA O PRÓXIMO ANO

Sofrendo com os elevados custos de produção e com a redução dos preços pagos pelos seus produtos, suinocultores tiveram dificuldade para operar com rentabilidade em 2011. Manutenção da demanda no mercado doméstico e abertura do mercado asiático, em especial o chinês, devem garantir melhores dias para o setor suinícola brasileiro no próximo ano.

Por **Marcelo Miele**¹

A suinocultura brasileira em 2011 operou com preços em queda e custos em alta, o que comprometeu a recuperação da rentabilidade. O mercado externo teve sua participação reduzida, mas propiciou preços altos às exportações. O mercado interno foi o dinamizador da cadeia produtiva. Caracterizou-se por preços estáveis, mas em patamares elevados, contribuindo para a rentabilidade do setor agroindustrial. As principais mudanças que afetarão o ano de 2012 são a abertura do mercado chinês, a redução das compras russas, a consolidação da fusão entre as duas líderes de mercado, a regulamentação dos contratos de integração e a continuidade do programa de etanol dos EUA e seus efeitos no preço do milho.

QUEDA NAS EXPORTAÇÕES E PRE-DOMÍNIO DO MERCADO INTERNO

O alojamento de matrizes do rebanho industrial vem crescendo de forma modesta desde 2010, mantendo-se praticamente estável (Tabela 1), mas a oferta de animais para abate cresceu acima do alojamento de matrizes devido ao aumento na sua produtividade, de quase 0,5 terminado/matriz/ano. Os Estados que mais expandiram os alojamentos foram Paraná, Santa Catarina, Goiás e Minas Gerais².

Os abates totais continuaram a trajetória de crescimento verificada no ano anterior (Tabela 1), sendo que os destaques foram os Estados do Paraná, Mato Grosso do

Sul, Minas Gerais e Mato Grosso, bem como os abates sob inspeção estadual e municipal, o que indica o bom momento econômico para os frigoríficos de pequeno e médio porte. A oferta de carne cresceu acima dos abates em função do maior peso médio das carcaças, devendo atingir a marca de 3,3 milhões de toneladas. No sentido contrário, as exportações mantêm a trajetória de redução, fechando 2011 com 514 mil toneladas (Tabela 1). Apesar da queda nos volumes exportados, houve um aumento de 6,5% no valor das exportações em dólar, devido ao aumento no preço médio obtido pelo exportador brasileiro, que chegou a 2,7 mil US\$/t. O desempenho das exportações brasileiras contrasta com o comércio internacional de carne suína, que apresentou um aumento de 8,8% nos volumes comercializados, puxado pelos EUA e pela União Europeia (UE). Assim, o País vem reduzindo sua participação no mercado internacional, de 12,5% em 2009, para 10,2% em 2010 e uma estimativa de 8,9% em 2011³. A taxa de câmbio do primeiro semestre contribuiu significativamente para a perda de competitividade da carne suína brasileira, apesar da forte apreciação da moeda norte-americana a partir de agosto de 2011. Além do câmbio, foi decisivo para este fraco desempenho o embargo da Rússia, parcialmente compensado pelo aumento das compras de Hong Kong e Ucrânia.

Assim como em 2010, foi o mercado interno que absorveu o crescimento da oferta e a redução das exportações, com um incremento na disponibilidade interna de mais de 287 mil toneladas, ou 1,36 kg/habitante (Tabela 1).

TABELA 1. OFERTA, EXPORTAÇÃO E DISPONIBILIDADE INTERNA DE CARNE SUÍNA NO BRASIL

Oferta e demanda	2010	2011*	Crescimento (%) 2010/09	Crescimento (%) 2011/10
Alojamento de matrizes (mil cabeças)	1.594	1.623	1,0	1,8
Abates (mil cabeças)	32.511	34.392	5,1	5,8
Oferta de carne (mil ton.)**	3.078	3.339	5,1	8,5
Exportações (mil ton.)	540	514	-11,0	-4,8
Disponibilidade interna (mil ton.)	2.538	2.825	9,3	11,3
População (milhões de hab.)	193,3	194,9	0,9	0,9
Disponibilidade interna per capita (kg/pessoa)	13,1	14,5	8,3	10,3

Fonte: ABIPECs e Embrapa - Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos (LSPS); IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais e Estimativas e Projeções Populacionais; ABIPECs - Estatísticas do Mercado Externo

* Os abates e a oferta de carne em 2011 foram estimados com base no desempenho do primeiro semestre, as exportações de 2011 foram estimadas com base no período de Jan. a Out.

** Não inclui a oferta de carne do rebanho de subsistência

RELAÇÃO DE PREÇOS COM AS DE-MAIS CARNES

Ao contrário de 2010, os preços no varejo das carnes bovina e suína não pressionaram a inflação ao consumidor em 2011. Além disso, ficaram um pouco mais atraentes em relação às carnes de frango e de pescados, cujos preços cresceram acima da inflação, assim como os preços dos produtos processados de carne suína (Fig. 1). É interessante ressaltar que o comportamento no mercado internacional foi diferente, com o preço da carne suína puxando as cotações das carnes (Fig. 2). Isso indica que o aumento da disponibilidade interna e a carne bovina determinaram o nível de preço da carne suína.

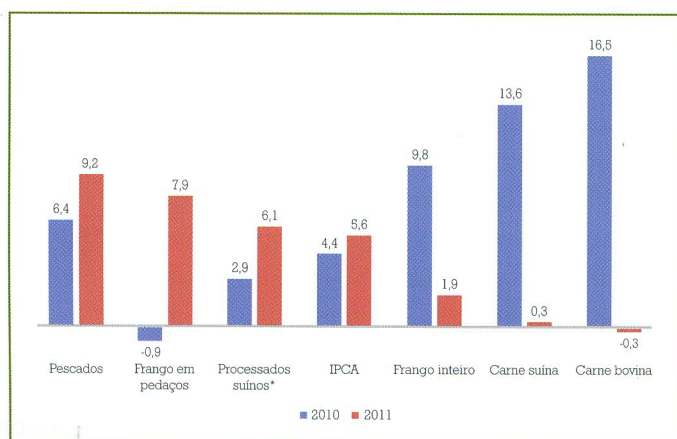


Figura 1. IPCA acumulado de Jan. a Out., nos principais produtos do segmento carne

Fonte: calculado pelos autores a partir de IBGE/IPCA

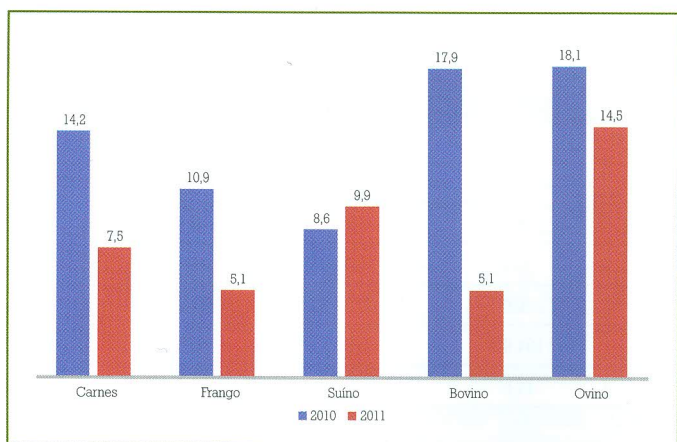


Figura 2. Índice de Preços Internacionais das carnes da FAO, variação percentual acumulada de Jan. a Ago

Fonte: calculado pelos autores a partir de FAO Meat Price Index

A VARIAÇÃO DOS PREÇOS AO LONGO DA CADEIA PRODUTIVA

O aumento do preço do milho foi o fator que mais influenciou de forma negativa a rentabilidade da cadeia produtiva da carne suína em 2011. A forte alta acompanha a tendência mundial e vem ocorrendo desde o segundo semestre de 2010, sendo que o ano de 2011 caracterizou-se por preços mais estáveis, mas em patamares elevados. Por sua vez, o preço do farelo de soja iniciou o ano em queda, compensando parte do aumento no custo da ração (Tab. 2 e Fig. 3).

O mercado de suínos apresentou uma combinação de fatores aparentemente contraditória em 2011, com estabilidade no alojamento de matrizes (oferta contida), aumento dos abates (demanda aquecida), alta no milho (maiores custos de produção) e redução de preços pagos. De fato, a recuperação nos preços esperada pelo produtor não se concretizou, com uma variação acumulada no primeiro semestre de -31,2%, a qual foi parcialmente recuperada a partir de julho de 2011 (Fig. 3).

Mas alguns fatores podem explicar isso. Em primeiro lugar, o mercado *spot* representa apenas 33% do alojamento de matrizes⁴ e tem diminuído sua participação, tendo sido fortemente influenciado por fatores externos como o embargo russo e pelos comportamentos especulativos que se seguiram a ele. Em segundo lugar, o preço da carne suína no varejo seguiu o da carne bovina, havendo um repasse aos elos à montante da cadeia produtiva. Este ajuste deve ter sido mais acentuado nos pequenos frigoríficos e naqueles de atuação regional (estratégia baseada em carne *in natura* e suprimento via mercado *spot*) do que nas agroindústrias líderes (estratégia baseada em produtos processados e exportações com suprimento via integração).

Assim, a recomposição da margem bruta⁵ na comercialização do suíno vivo verificada em 2010 não se repetiu em 2011, frustrando expectativas do setor. A crescente volatilidade dos preços e da renda agrícola é outra questão que tem afetado os produtores.

Esta análise retrata a situação dos suinocultores independentes ou aqueles integrados que detêm o controle da própria ração. Os custos e rendimentos dos suinocultores ligados à agroindústria com contratos de parceria ou comodato não têm tanta variabilidade porque não envolvem o preço dos grãos, mas apenas mão-de-obra, energia e manutenção e depreciação das instalações.

As agroindústrias integradoras⁶ também sofreram pressão de custos, mas obtiveram melhores preços nas exportações e no mercado interno de produtos processados. O preço da carne suína no mercado internacional cresceu acima das demais carnes (igualando os picos do período pré-crise) e acima do preço do milho, o que permitiu compensar a elevação no custo da ração e a valorização cambial do primeiro semestre (Fig. 2

